



A África ensinando a gente/Africa teaching people

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 228 páginas

Trata-se do último livro escrito por Guimarães com Paulo Freire e, só

por isso, valeria a pena lê-lo. Mas os trabalhos aqui reunidos têm qualidade e inquietantes questionamentos (que mesmo quase trinta anos depois ainda são atuais e muito pertinentes). As análises dialogadas de Freire e Guimarães ainda mantêm o vigor e a indignação militante que permitem ao leitor mais implicado perceber a origem de alguns problemas e a repetição de outros. Nessas páginas apaixonadamente escritas, os autores nos conduzem em diferentes tempos a alguns países de língua portuguesa.

Além das experiências que tiveram juntos na África, o livro apresenta as reflexões e análises de Guimarães construídas em suas idas e vindas ao continente africano. Parte desta obra foi construída após o falecimento de Paulo Freire. “A África ensinando a gente” é uma obra que está na seqüência de outras parcerias entre os autores: Sobre Educação, volumes I (1982) e II (1984), Pedagogia, diálogo e conflito (com Moacir Gadotti) e Aprendendo com a própria história, volumes I (1987) e II (2000).

A África, afirmava Freire, “vai ensinando a gente” e, nesta obra, percebe-se que continua a ensinar. Na era da globalização e do neoliberalismo o aumento da miséria e da violência tem assolado diversos países e os africanos estão na lista dos mais afetados. As feridas da África já haviam sido percebidas por Paulo Freire há trinta anos e neste livro Guimarães mostra que se acentuaram e se difundiram cada vez mais. As contradições e a riqueza continental da África e as particularidades de cada um dos países e

peças visitadas transporta o leitor pelo tempo e pelo espaço.

A linguagem usada é direta e objetiva, imersa em uma simplicidade revolucionária que inquieta e se mostra inexorável e fatal, tal qual as cartas que Paulo Freire plantou e semeou e que temos recolhido ao longo desses anos todos. Seu legado permite sustentar a esperança em tempos de angústia e desencanto. A dialogicidade conserva sua ética e sua estética revolucionária e aponta que existem alternativas, a África nos ensina isso... Entrar em contato com as questões africanas é mergulhar de cabeça em nossas origens, é nos reconhecer na cultura e nas histórias das nações africanas, mas é também refletir sobre as marcas africanas no Brasil. Obriga-nos também a discutir o racismo e muitas formas de opressão, violência e exclusão a que são submetidos os afro-descendentes no Brasil. A repressão a que foram submetidos os povos africanos do escravagismo ao colonialismo é tão perversa e cruel quanto os recalques e chistes que a negritude enfrentou e enfrenta no Brasil. Essa pode e deve ser vista também como um espaço para a resistência e para a reflexão: é na conscientização e na indignação que se constrói a esperança e se caminha para a autonomia e para a igualdade na diversidade. O leitor mais atencioso entenderá porque a alfabetização de adultos ou a própria educação são evitadas ou esvaziadas pelos donos dos modos e meios de produção. Às vezes, ver no outro é mais fácil do que ver em nós mesmos. Na primeira parte “Um debate de salão”, capítulo 1 - “Este reaprendizado que a África me oferece” - Freire & Guimarães discutem com os educadores locais os êxitos e fracassos de algumas experiências na alfabetização de jovens e adultos em terras africanas, européias

e latino-americanas, especialmente as brasileiras. O cenário é um debate com estudantes na Universidade de Lyon (França). Na segunda parte, denominada “São Tomé e Príncipe”, apresenta-se o capítulo 2 - “*Praticar para aprender: caminhos de São Tomé*” - no qual, em um inédito diálogo entre os dois autores, a experiência freiriana na África é problematizada. Mesmo que brevemente são discutidas algumas críticas à perspectiva freiriana. Segue-se o capítulo 3 - “*O processo? Extraordinário, mas simplesmente houve ruptura*” - em que Guimarães reencontra, em 2000, uma antiga parceira de Freire (Alda Espírito Santo) na alfabetização de jovens e adultos em São Tomé, em 1976. A segunda parte encerra-se com o capítulo 4 - “*São-Tomense Leve-Leve? A mudança tem que ser geral!*”. Ali, Sérgio Guimarães reencontra, em 2000, o educador e parceiro de Freire, Sinfrônio Mendes, que conviveu com o *velho mestre* em outras experiências no mesmo país. Um relato emocionante sobre venturas e desventuras de educadores que optaram pela libertação do oprimido. A terceira parte da obra, “Angola”, apresenta o capítulo 5 - “*O ideal perdeu-se. É uma catástrofe!*”. Nele, Guimarães resgata com Lúcio Lara as experiências freirianas em Angola, sobretudo nos *centros de instrução da revolucionária* no final da década de 1960 e na década de 1970. Interessante encontrar as realizações e as frustrações de Lara quase trinta anos depois e como ele avalia hoje as experiências freirianas em seu país. No capítulo seguinte (6), “*Apostar na educação, mais cedo ou mais tarde*”, a mesma reflexão é feita com o educador angolano Pepetela. A terceira parte se encerra com o capítulo 7, “*Angola? Uma visão política completamente diferente*”, um diálogo com o professor e Ministro da Educação de Angola, Antônio da Silva, realizado em 2001. A quarta parte, “Guiné-Bissau” revê as experiências freirianas naquele país. Inicia-se o capítulo 8, “*Tivemos que construir a partir da primeira pedra*”, com o debate realizado com Mário Cabral, em 2002. Juntos, Cabral & Guimarães revivem e

problematizam as clássicas experiências em Guiné-Bissau realizadas por Paulo Freire na década de 1970 e consagradas no livro de sua autoria *Cartas à Guiné-Bissau* (1984, 4.ed). A obra apresenta, ainda, um primeiro anexo denominado “*O ato de estudar*”, de autoria do Ministério da Educação de São Tomé e Príncipe, e um texto de Guimarães - “*Alfabetização em Massas no Brasil: uma visão comparada do método MOBREAL e do método PAULO FREIRE*”, no qual o autor compara teórica e metodologicamente as duas concepções de alfabetização e de educação. O livro se encerra com algumas cartas das equipes alfabetizadoras de Angola.

Sidney N. de Oliveira

Instituto Paulo Freire
Universidade Federal do Paraná
<sidney@institutopaulofreire.org.br>
<sidney@ufpr.br>

Para saber mais sobre Paulo Freire, recomenda-se:
APPLE, M.; NOVOA, A. (Orgs) **Paulo Freire: política e pedagogia**. Porto: Porto Editora, 1998.
FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1981.
FREIRE, P. **Extensão ou comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 1981.
FREIRE, P. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.
FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
FREIRE, P. **Professora sim, tia não**. São Paulo: Olho d'água, 1995.
FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.
GADOTTI, M. **Um legado de esperança**. São Paulo: Cortez, 2001
ROMÃO, J. E. **Dialética da diferença**. São Paulo: Cortez/IPF, 2000.
<<http://www.paulofreire.org>>

PALAVRAS-CHAVE: Educação; alfabetização.
KEY WORDS: Education; teaching literacy.
PALABRAS CLAVE: Educación; alfabetización.

Recebido para publicação em 04/09/03.
Aprovado para publicação em 29/09/03.